

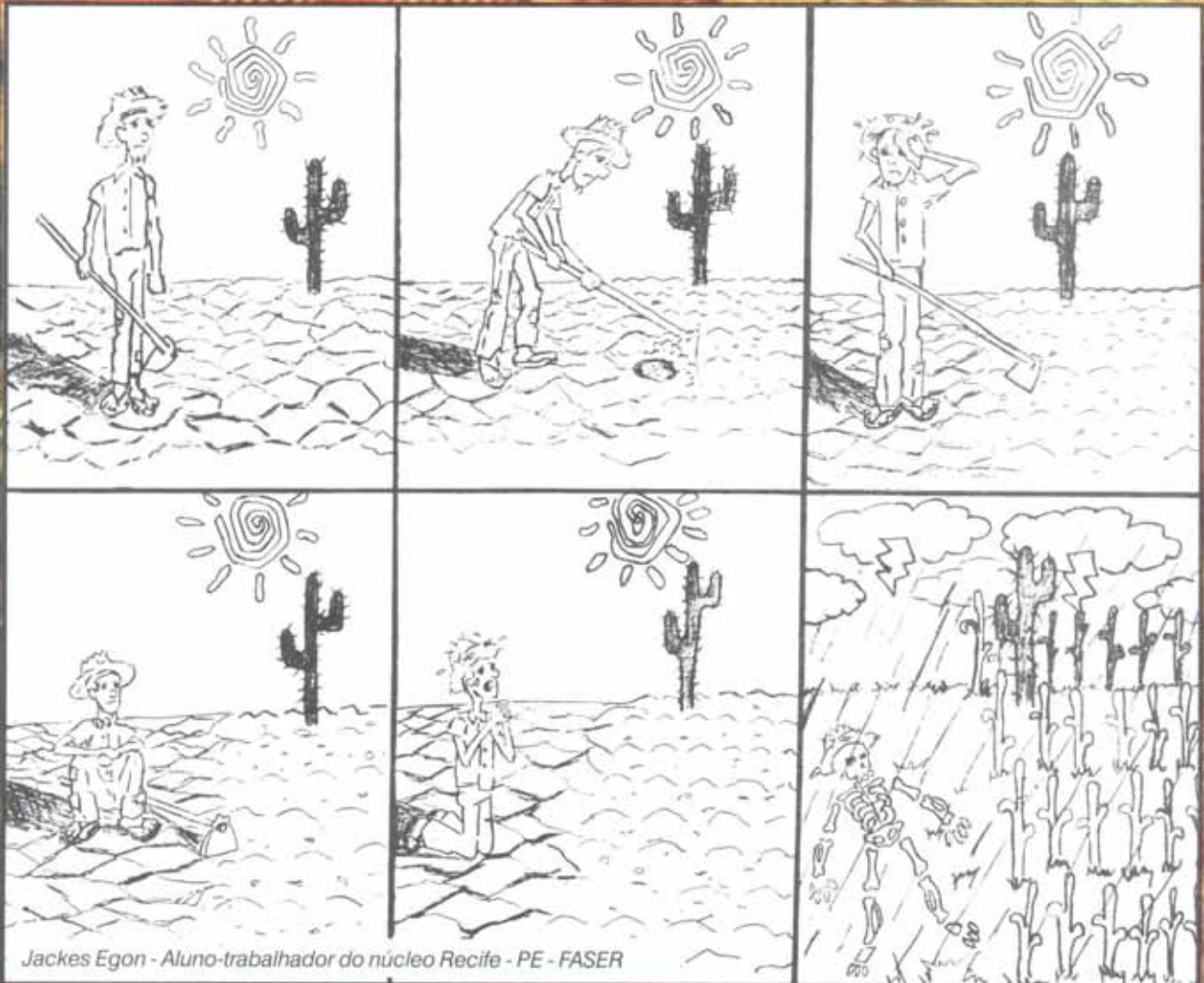


IV



"(...) Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre".

Trecho extraído do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos



Jackes Egon - Aluno-trabalhador do núcleo Recife - PE - FASER

Paratodos

Chico Buarque

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antonio Brasileiro

Foi Antonio Brasileiro
Quem soprou essa toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadas
Ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia e crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro



Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinicius
Beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Oretes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara
Evoé, jovens à vista

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
o meu bisavô, mineiro
meu tataravô, baiano
vou na estrada há muitos anos
sou um artista brasileiro



Triste vida

Se bela floresce no alto,
Ares límpidos ventam lá,
Pássaros brincam solto,
Ao verde belo a cantar.

Que pena,
Abaixo, logo abaixo,
Verdes campos não há.

Crianças tristes,
Com olhares penumbra a chorar,
Quem há de olhar,
Quem será capaz de criar.

Que pena,
Abaixo, logo abaixo,
Rios límpidos não há.

Homens, máquinas,
Rasgam a terra a chorar,
Buracos, lamas e vida não há.

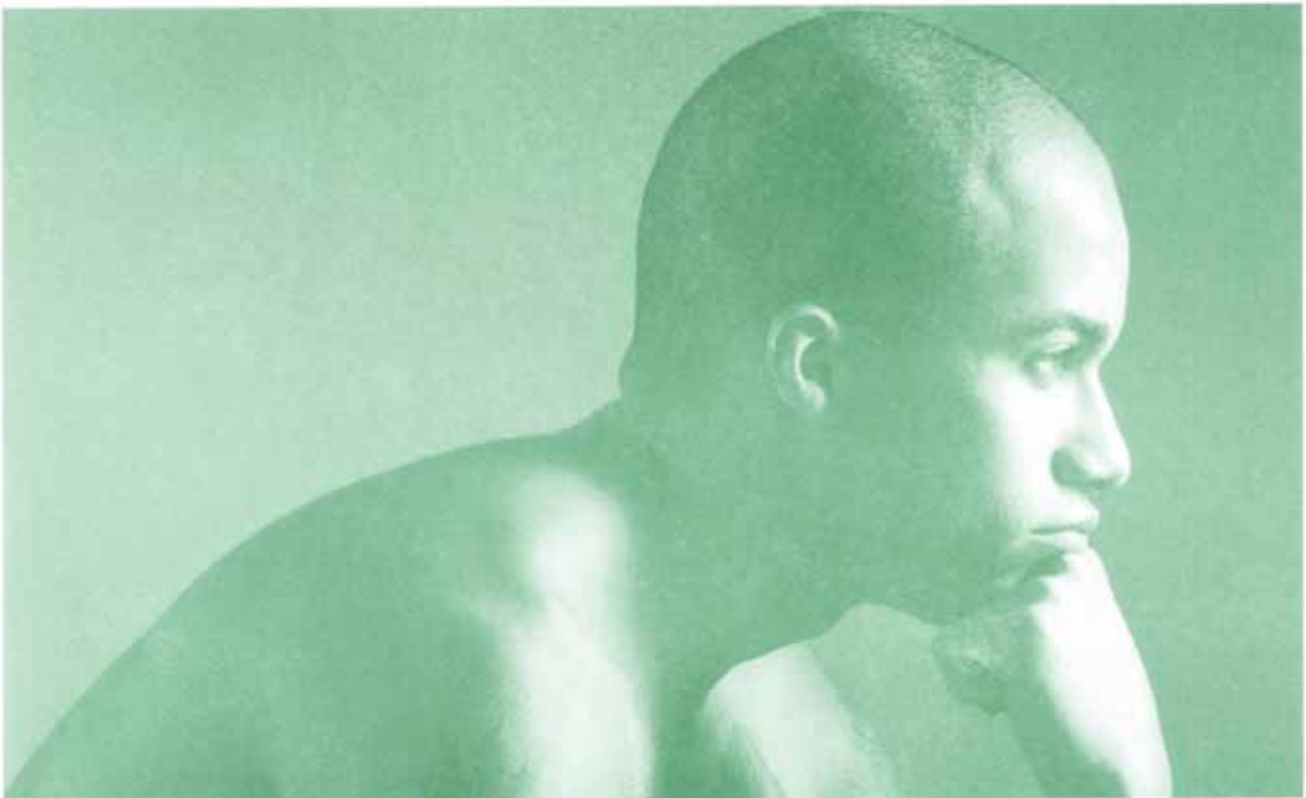
Quem um dia será,
Capaz do mundo ajudar,
Socorro! Socorro!
Segue a terra a aclamar!!!

Gleison Barbosa de Assis. Aluno-trabalhador do núcleo Congonhas – MG – CNTSM.



Dificuldades para a busca da verdade¹

Marilena Chaui



Em nossa sociedade, é muito difícil despertar nas pessoas o desejo de buscar a verdade. Pode parecer paradoxal que assim seja, pois parecemos viver numa sociedade que acredita nas ciências, que luta por escolas, que recebe durante 24 horas diárias informações vindas de jornais, rádios e televisões, que possui editoras, livrarias, bibliotecas, museus, salas de cinema e de teatro, vídeos, fotografias e computadores.

Ora, é justamente essa enorme quantidade de veículos e formas de informação que acaba tornando tão difícil a busca da verdade, pois todo mundo acredita que está recebendo, de modos variados e diferentes, informações científicas, filosóficas, políticas, artísticas e que tais informações são verdadeiras, sobretudo porque tal quantidade informativa ultrapassa a experiência vivida pelas pessoas, que, por isso, não



têm meios para avaliar o que recebem.

Bastaria, no entanto, que uma mesma pessoa, durante uma semana, lesse de manhã quatro jornais diferentes e ouvisse três noticiários de rádio diferentes; à tarde, freqüentasse duas escolas diferentes, onde os mesmos cursos estariam sendo ministrados; e, à noite, visse os noticiários de quatro canais diferentes de televisão, para que, comparando todas as informações recebidas, descobrisse que elas “não batem” umas com as outras, que há vários “mundos” e várias “sociedades” diferentes, dependendo da fonte de informação.

Uma experiência como essa criaria perplexidade, dúvida e incerteza. Mas as pessoas não fazem ou não podem fazer tal experiência e por isso não percebem que, em lugar de receber informações, estão sendo desinformadas. E, sobretudo, como há ou-

tras pessoas (o jornalista, o radialista, o professor, o médico, o policial, o repórter) dizendo a elas o que devem saber, o que podem saber, o que podem e devem fazer ou sentir, confiando na palavra desses “emissores de mensagens”, as pessoas se sentem seguras e confiantes, e não há incerteza porque há ignorância.

Uma outra dificuldade para fazer surgir o desejo da busca da verdade, em nossa sociedade, vem da propaganda.

A propaganda trata todas as pessoas crianças, jovens, adultos, idosos como crianças extremamente ingênuas e crédulas. O mundo é sempre um mundo “de faz-de-conta”: nele a margarina fresca faz a família bonita, alegre, unida e feliz; o automóvel faz o homem confiante, inteligente, belo, sedutor, bem-sucedido nos negócios, cheio de namoradas lindas; o desodorante faz a





moça bonita, atraente, bem empregada, bem vestida, com um belo apartamento e lindos namorados; o cigarro leva as pessoas para belíssimas paisagens exóticas, cheias de aventura e de negócios coroados de sucesso que terminam com lindos jantares à luz de velas.

A propaganda nunca vende um produto dizendo o que ele é e para que serve. Ela vende o produto rodeando-o de magias, belezas, dando-lhe qualidades que são de outras coisas (a criança saudável, o jovem bonito, o adulto inteligente, o idoso feliz, a casa agradável etc.), produzindo um eterno "faz-de-conta".

Uma outra dificuldade para o desejo da busca da verdade vem da atitude dos políticos nos quais as pessoas confiam, ouvindo seus programas, suas propostas, seus projetos enfim, dando-lhes o voto e vendo-se, depois, ludibriadas, não só porque não são cumpridas as promessas, mas também porque há corrupção, mau uso do dinheiro público, crescimento das desigualdades e das injustiças, da miséria e da violência.

Em vista disso, a tendência das pessoas é julgar que é impossível a verdade na política, passando a desconfiar do valor

e da necessidade da democracia e aceitando "vender" seu voto por alguma vantagem imediata e pessoal, ou caem na descrença e no ceticismo.

No entanto, essas dificuldades podem ter o efeito oposto, isto é, suscitar em muitas pessoas dúvidas, incertezas, desconfianças e desilusões que as façam desejar conhecer a realidade, a sociedade, a ciência, as artes, a política. Muitos começam a não aceitar o que lhes é dito. Muitos começam a não acreditar no que lhes é mostrado. E, como Sócrates em Atenas, começam a fazer perguntas, a indagar sobre fatos e pessoas, coisas e situações, a exigir explicações, a exigir liberdade de pensamento e de conhecimento.

Para essas pessoas, surge o desejo e a necessidade da busca da verdade. Essa busca nasce não só da dúvida e da incerteza, nasce também da ação deliberada contra os preconceitos, contra as idéias e opiniões estabelecidas, contra crenças que paralisam a capacidade de pensar e de agir livremente. ■

¹ Texto extraído do Livro: *Convite à Filosofia de Marilena Chauí*. São Paulo: Editora Ática. 1994.



Informação e política

Luiz Percival Leme Britto¹



Uma das graves pragas modernas é a crença na informação. Vemo-la em plena atividade, por exemplo, nas resmas de papel dedicadas à chegada da Internet ao Brasil. A impressão é que, agora sim, saberemos tudo sobre tudo: o conhecimento "ready-made" nas pontas dos dedos. (...) A partir da constatação de que tais fatos ocorrem, passa-se a afirmar que o grande volume de informações disponíveis em veículos que estariam em princípio ao alcance de qualquer indivíduo representa a democratização do conhecimento e, portanto, estímulo decisivo ao desenvolvimento da cidadania, à mitigação das desigualdades sociais e assim por diante, abrindo uma nova era de progresso para a humanidade".

Claudio Weber Abramo,
Folha de S. Paulo 12/07/95



Conhecimento não é informação

Tampouco se caracteriza ou se mede pela quantidade de informação disponível ou armazenada por algum sistema.

Se é verdade que elaborar conhecimento exige informação (não se constrói conhecimento a partir do nada); mas é verdade também que o conhecimento só pode ser construído porque o sujeito dispõe de condições de manipulação intensa de informações (dados, fatos, teorias, interpretações) de diversos graus de complexidade.

Na reflexão sobre a construção do conhecimento tem-se que **considerar o modo como é elaborada e veiculada a informação** e as conformações ideológicas dentro das quais se constroem os valores e saberes dominantes na sociedade industrial de massa que informam as chamadas práticas leitoras.

O conhecimento, individual ou social, é delimitado pela situação histórica concreta. Isto vale para o conhecimento científico – que implica a apreensão e compreensão de fatos do mundo dentro de um quadro discursivo definido – e para valores e representações de senso comum. Paulo Freire (1976: 145): “a consciência de si dos seres humanos implica na consciência das



coisas, da realidade concreta em que se acham como seres históricos e que eles aprendem através de sua habilidade cognoscitiva”.

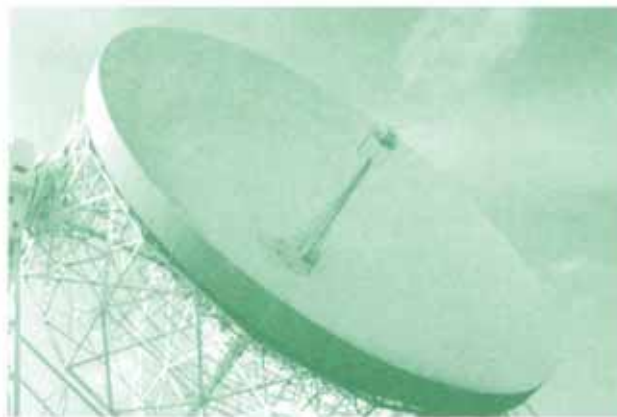
A **informação** não é o fato ou acontecimento em si. Ela resulta de uma escolha específica entre milhões de possibilidades. Seja enquanto recorte da realidade ou projeção da imaginação, qualquer informação ganha sentido dentro de uma rede complexa de outras informações já enunciadas ou possíveis de ser enunciadas.

Crítérios de relevância de produção e recepção da informação:

- ★ *Abrangência* – a quem potencialmente interessa tomar conhecimento desta notícia;
- ★ *Densidade* – em que nível a notícia se articula com a rede de saberes e práticas sociais, qual sua relevância político-social;
- ★ *Finalidade da divulgação* – que efeitos pode causar, que conseqüências teria sobre a rede de saberes ou sobre as representações político-sociais;
- ★ *Grau de impacto* – quais os desdobra-

mentos possíveis no momento histórico em que é produzida/divulgada;

- ★ *Ineditismo* – o quanto a notícia é desconhecida;
- ★ *Grau de veracidade* – em que medida a informação é passível de verificação ou confirmação.



Tais critérios são relativos, submetendo-se às implicações éticas, políticas e econômicas da produção e divulgação de informações. É em função dos valores e saberes socialmente instituídos,

dos interesses políticos e econômicos dos agentes produtores e do lugar de origem do fato (a importância relativa do afetado ou do produtor do conhecimento na escala social) que a notícia de determinado acontecimento ou a divulgação de determinado conceito científico ou preceito moral é transformada em “informação”.

A informação resulta necessariamente da ação política de instâncias de poder (ou de contra-poder) na forma de um produto cultural sócio-histórico.



Duas questões são fundamentais para o entendimento do processo de construção de conhecimento:

1. toda informação tem um valor extrínseco que lhe é agregado no ato mesma de sua enunciação;
2. uma informação é nova não porque nunca tenha sido enunciada, mas sim porque é enunciada dentro de um contexto de produção de discurso.



Daí porque é necessário considerar, na análise dos processos de construção de informação

- ★ *Lugar de produção* – instância de governo, universidade, sistema educacional, uma agência de notícia, uma igreja;
- ★ *Espaço de circulação* – meios de comunicação de massa, locais de trabalho, escola, espaços públicos de lazer ou consumo, círculo social imediato;
- ★ *A inserção social* dos sujeitos que a recebem.

A desconsideração, ingênua ou deliberada, da dimensão política do conteúdo

da informação e do processo pelo qual é constituída e posta em circulação impede a percepção crítica do caráter social e político do conhecimento, oferecendo-lhe uma objetividade e neutralidade que, na prática, significa entendê-lo como algo que está fora da própria história.

Exemplo:

Michel Temer (jurista e político) defende a necessidade da redução da idade de imputabilidade penal de 18 para 16 anos ("Os tempos são outros". **Folha de S. Paulo**, 04/11/93, p.3).

Para sustentar sua tese, usa o argumento de que,

"em função do avanço tecnológico, da rapidez das comunicações e da divulgação massiva de bens de consumo, que têm gerado alterações cada vez mais rápidas no meio social, o homem de hoje recebe diariamente quantidade de informação via rádio, jornal, revista e televisão como jamais recebeu em tempo algum. O jovem, infante ou adolescente, sabe e conhece,

hoje, muito mais do que aquele de 20 ou 30 anos atrás”.

É uma pseudoverdade construída em cima de uma obviedade. O mundo moderno tem experimentado enorme avanço tecnológico, com grande repercussão na área da comunicação. Nos últimos dois séculos, criaram-se várias formas de publicização da informação além do livro e dos produtos da imprensa gráfica: o rádio, o cinema, a TV, as redes de computador.

Multiplicou-se a quantidade de informação e, em certa medida, neutralizaram-se diferenças qualitativas; houve modificações substanciais na prática científica, aumentando tanto a quantidade de “verdade” conhecida como também de “objetos” científicos.

Em vista disso, Temer conclui que o adolescente do mundo contemporâneo tem conhecimento de si e de seus direitos e deveres de cidadão e capacidade de discernir o sentido e as conseqüências de seus atos, estando em condições de responder judicialmente por suas ações.

O raciocínio é falacioso. Supor que os indivíduos, porque recebem maior carga de informação, têm maior conhecimento e, portanto, maior consciência e responsabilidade sobre suas ações só faz sentido se desconsiderar a fonte produtora e o tipo de informação, bem como o modo como é incorporada pelo sujeito e transformada em conhecimento, isto é, se se desconsiderasse a historicidade das ações e dos próprios indivíduos.

Em outras palavras, para ter validade o argumento quantitativo, seria preciso admitir que toda e qualquer informação é expressão de verdade, sendo sempre neutra e relevante, assim como que sua incorporação à representação de mundo dos sujeitos que a recebem fosse imediata e não sofresse nenhum tipo de reelaboração.

Seguindo esta forma de análise da realidade, seria impossível explicar por que são tão fortes certas crenças e tão freqüentes comportamentos e hábitos reconhecidamente agressivos à condição humana.





Como entender que homens modernos e informados, aderindo a uma seita religiosa que preconiza o advento de uma nave espacial salvadora da humanidade na esteira de um cometa, castram-se e suicidam-se para a viagem final?

Como explicar que um rapaz normal de vinte anos, vivendo numa grande cidade, burle a segurança de um grande aeroporto e meta-se no trem de pouso de um jato, para viajar para fora do país e morrer congelado ou asfixiado por ignorância?

Como admitir a idéia (absurda) de que qualquer sujeito que ouvisse rádio diariamente saberia muito mais do que Aristóteles, Galileu ou Goethe, já que a quantidade de informação recebida por ele seria infinitamente maior do que aquela disponível nas épocas em que viveram estes pensadores?

O raciocínio desenvolvido por Temer desconsidera que a informação não existe em si, sendo produto de ação política, que a distribuição deste produto entre os diversos segmentos sociais é diferenciada quantitativa e qualitativamente, e que sua recepção difere em função do quadro referencial construído pelos sujeitos.

É preciso não perder de vista que, na



sociedade industrial de massa, a produção e circulação de textos escritos, como de resto toda informação de ampla circulação, estão diretamente articuladas ao modo como se exerce o poder.

Nem todos escrevem e muito menos têm a possibilidade de ter seus textos circulando, do mesmo modo que não têm o direito de fazer circular suas opiniões, idéias, etc. Ao contrário do que se poderia supor, o barateamento dos custos de produção gráfica e a expansão dos meios de comunicação eletrônicos não têm proporcionado a democratização do espaço público de circulação de idéias. Ao lado de produtos caseiros e de consumo privado ou quase privado, o que se verifica é a concentração cada vez maior de poder nas mãos de poucos grupos com força política e econômica, que monopolizam o mercado editorial e a indústria da informação.

O equívoco de que o conhecimento resulta simplesmente da oferta da informação tornou-se maior em função da expansão dos veículos de comunicação de massa, constituindo-se em uma das principais expressões ideológicas da cultura da sociedade industrial.

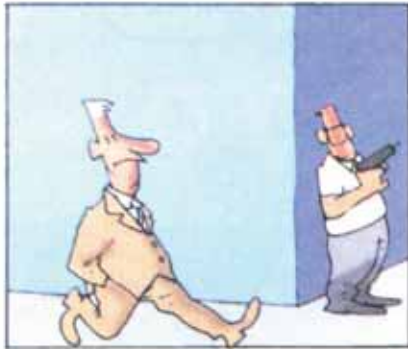
A decorrência que Temer tira da constatação do avanço tecnológico é falsa porque:

1. idealiza a informação;
2. desconsidera que o conhecimento resulta da articulação de infinita gama de informações, adquiridas na interação do sujeito com o mundo;
3. desconsidera que a informação de circulação pública é um produto de mercado submetido a critérios de avaliação próprios do mercado, os quais nem sempre se estabelecem em função de uma ética do conhecimento. ■



Qualificação

maringoni



ELE ESTA'
ESTUDANDO LÍNGUAS
PARA SE QUALIFICAR.



MARINBONI



A Escola do Crime

Eduardo Galeano

Economia de importação, cultura de impostação, reino da frescura: somos todos obrigados a embarcar no cruzeiro da modernização. Nas águas do mercado, a maioria dos navegantes está condenada ao naufrágio: mas a dívida externa paga - por conta de todos - as passagens da minoria que viaja em primeira classe. Os empréstimos da banqueria mundial, que permitem abarrotar a minoria consumidora com coisas inúteis, atuam a serviço da *bacanis* de nossas classes altas; e a televisão se encarrega de transformar em necessida-

des reais, as demandas artificiais que o norte do mundo inventa incansavelmente, despejando-os com sucesso sobre o sul e o leste.

Mas, o que acontece com os milhões e milhões de jovens latino-americanos condenados ao desemprego ou aos salários de fome? Entre eles, a publicidade não estimula a compra e sim a violência: entre elas, estimula a prostituição. Os anúncios proclamam: quem não tem, nada é. Quem não tem carro,





ou sapatos importados, ou perfumes importados, é um zé ninguém, um lixo; e assim, a cultura do consumo dá aulas à multidão de alunos da Escola do Crime.

Ao se apoderar dos fetiches que atestam existência às pessoas, cada assaltante quer ser como a sua vítima. A TV oferece o serviço completo: não somente ensina a confundir a qualidade de vida com a quantidade de coisas, como também oferece diariamente cursos audiovisuais de violência, complementados pelos videogames. O crime é o programa de maior sucesso da telinha. Bata antes que te batam, aconselham os professores eletrônicos de crianças e jovens. Você está só, não pode contar com ninguém. Carros que voam, pessoas que explodem: você também pode matar.

Crescem as cidades - as cidades latino-americanas já são as maiores do mundo - e junto com as cidades, a um ritmo apavorante, cresce o delito. Cidades insones: uns não dormem tentando conseguir as coisas que não têm, outros não dormem por medo de perder o que já têm.

A ansiedade consumista não é a única professora na Escola do Crime. Ela atua em parceria com a injustiça social, mestre





eficientíssima em sociedades onde a opulência ofende escandalosamente a fome: além delas, também contribui a impunidade do poder, que passa lições de mau exemplo em sociedades onde os mandatários matam e roubam sem remorso, nem castigo.

Este mundo de fim de século, que a todos convida para o banquete, porém bate a porta na cara da maioria, é ao mesmo tempo igualador e desigual. Nunca antes o mundo foi tão igualador nas idéias e costumes que impõe. O igualamento obrigatório, que atua contra a diversidade cultural do bicho humano, impõe um totalitarismo simétrico ao totalitarismo da desigualdade da economia, imposto pelo Banco Mundial, pelo Fundo Monetário Internacional e por outros fundamentalistas da liberdade do dinheiro. No mundo sem alma que somos obrigados a aceitar como o único possível, não existem povos e sim mercados; não existem cidadãos e sim consumidores; não existem nações e sim empresas; não existem cidades e sim aglomerações; não existem relações humanas e sim competição mercantil.

Nunca antes foi tão pouco democrática a economia mundial, nunca antes foi o mundo tão escandalosamente injusto. A

desigualdade duplicou em trinta anos. Em 1960, 20% da humanidade - os que mais tinham - era trinta vezes mais rica do que os 20% mais necessitados. Em 1990, a diferença entre a prosperidade e o desamparo havia dobrado para sessenta vezes. E nos extremos dos extremos, entre os ricos riquíssimos e os pobres pobríssimos, o abismo é bem mais profundo. Somando-se as fortunas privadas que desfilam obscenamente pelas páginas pornofinanceiras das revistas *Forbes* e *Fortunes*, chegamos à conclusão de que 100 multimilionários dispõem atualmente da mesma riqueza de 1,5 bilhão de pessoas.

Há quem meça o desigualamento. O Banco Mundial, que tanto faz para multiplicá-lo, chega a admiti-lo, por exemplo, em seu *World Development Report*, de 1993. E as Nações Unidas também confirmam (*United Nations Development Programme, Human Development Report*, 1994). O igualamento cultural, ao contrário, não pode ser medido. Seus demolidores progressos, no entanto, saltam aos olhos. Os meios de comunicação da era eletrônica, em sua maioria a serviço da incomunicação humana, nos dão o direito de escolher entre o mesmo e o mesmo, num tempo esvaziado de história e num



espaço universal que procura negar às suas partes o direito à identidade. É cada vez mais unânime a adoração dos valores da sociedade do consumo.

A economia mundial precisa de um mercado de consumo em constante expansão para não derrubar suas margens de lucro, mas ao mesmo tempo precisa, pela mesma razão, de braços que trabalhem a preço de banana nos países do sul e do leste do planeta. O segundo paradoxo é filho do primeiro; o norte dita

ordens de consumo cada vez mais impositivas, dirigidas ao sul e ao leste, no sentido de multiplicarem seus consumidores, mas terminam multiplicando, numa medida bem maior, seus delinquentes. O convite ao consumo é um convite ao delito. Lendo as páginas policiais dos jornais aprende-se mais sobre as contradições sociais do que nas páginas sindicais ou políticas. Nelas se encontram as alegres mensagens de morte emitidas pela sociedade de consumo. ■



Cultura, Natureza e Ação Humana

João dos Reis da Silva Jr.¹

A cultura se constitui a partir de situações concretas, vivenciadas por homens e mulheres concretos, pertencentes a este ou àquele povo, a esta ou àquela classe, em determinado território, num regime político A ou B, dentro desta ou daquela realidade econômica. Sendo assim, somente se poderá dizer o que é cultura em **sociedade**, na qual os homens relacionam-se entre si buscando a produção/reprodução da vida.

Em outras palavras, a cultura é algo que não se existe apenas no plano do teórico das artes, das ciências, mas também no plano da sensibilidade, da ação, do trabalho, do cotidiano da vida.

Na verdade, o ser humano não existe, exclusivamente, como conhecedor de dados e informações culturais da vida, do trabalho e do seu dia-a-dia. O homem é também principalmente um agente de cultura, ele produz cultura quando vive em qualquer situação, seja no trabalho, seja no futebol, ainda que, muitas vezes, não saiba que faz, a todo instante de sua vida, cultura.



É agente cultural de atividade incessante, seja caçando, seja ordenhando vacas, seja operando computadores, tornos, capinando, extraindo seu sustento da terra com uma ferramenta nas mãos. São agentes da cultura tanto o lavrador quanto o diplomata.



Quando, porém, se procura extrair dessa **realidade viva** um conceito único e universal de cultura, a dificuldade surge e se agiganta.

Como saberei falar o que é cultura, então?

Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana na natureza e na sociedade é cultura.

O mar é natureza, mas a navegação – ação do homem – é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém, por meio do trabalho humano, é cultura.* A fome do ser humano é biológica, mas a maneira de se alimentar (arroz com feijão, vatapá, açaí, peixe ou lanches McDonalds) é cultura, o frio sentido por nossos corpos no inverno é natureza, mas como nos vestimos para nos proteger (calça jeans, camiseta, blusa de lã) é cultura, a necessidade de nos locomovermos é natureza, mas os meios que utilizamos para fazê-lo (sobre os próprios pés, com uma bicicleta, com um fus-



ca, montado em cavalo ou de carro importado com motorista) são cultura. Enfim, podemos afirmar que tudo que é produzido pelo homem é cultura. E a cultura depende da classe social, do tipo de trabalho, da região do país, da raça, do sexo, da vida vivida, etc, a que pertence o ser humano que a produz.

- 1) Cabe, nesse momento, pensarmos o que fazemos, como fazemos, em que condições sociais fazemos nossas vidas?
- 2) Cabe pensarmos como vivemos e em que tipo de sociedade vivemos?
- 3) Cabe indagarmos se como vivemos nos auto-realizamos como queremos?
- 4) Cabe indagar se podemos fazer diferente o que todo dia fazemos, para um dia diferentes sermos, num mundo diferente desse?

* Consultor do Programa Integração.

* Vanuncchi, Aldo. Cultura brasileira. Sorocaba : Uniso e edições Loyola, 1999.



Histórias para o Rei

Carlos Drummond de Andrade

Nunca podia imaginar que fosse tão agradável a função de contar histórias, para a qual fui nomeado por decreto do Rei. A nomeação colheu-me de surpresa, pois jamais exercitara dotes de imaginação, e até me exprimo com certa dificuldade verbal. Mas bastou que o Rei confiasse em mim para que as histórias me jorrassem da boca à maneira de água corrente. Nem carecia inventá-las. Inventam-se a si mesmas.

Este prazer durou seis meses. Um dia, a Rainha foi falar ao Rei que eu estava exagerando. Contava tantas histórias que não havia tempo para apreciá-las, e mesmo para ouvi-las. O Rei, que julgava minha facúndia uma qualidade, passou a considerá-la defeito, e ordenou que eu só contasse meia história por dia, e descansasse aos domingos. Minha insuficiência desagradou, e fui substituído por um mudo, que narra por meio de sinais, e arranca os maiores aplausos.

In Histórias para o Rei, Coleção Mineiramente Drummond, ed. Record, 1997, p. 50

